

TESTAMENTO

*Oswaldo Gonçalves Cruz*

1872 - 1917



**D**esejo com sinceridade que se não cerque a minha morte dos atavios convencionais com que a sociedade revestiu o ato da nossa retirada do cenário da vida. Pelo respeito que voto ao pensar alheio não quero capitular de ridículo esses atos: julgo-os para mim completamente dispensáveis e espero que a família que tanto quero, se conforme com esses inofensivos desejos que nasceram da maneira pela qual encaro a morte, fenômeno fisiológico naturalíssimo ao qual nada escapa.

Tão geral, tão normal, tão banal é que julgo absolutamente dispensável de frisá-la com cerimônias especiais. Por isso desejaria que se poupasse aos meus a cena de vestimenta do corpo que bem pode ser envolvido em simples lençol. Nada de convites ou comunicações para enterro, nem missa de sétimo dia. Nem luto tão pouco. Este traz-se no coração e não nas roupas. Peço encarecidamente aos meus que não prolonguem o natural sentimento que tratá minha morte. Que se divirtam, que passem, que ajudem o tempo na bemfeita obra de fazer esquecer. Não há vantagem alguma de armargurar com lágrimas prolongadas os tão curtos dias de nossa existência. Portanto, que não usem roupas negras que além de tudo são anti-higiênicas em nosso clima; que procurem diversões, teatros, festas, viagens, a fim de que desfaçam essa pequena nuvem que veio empanar a normalidade do viver de todos os dias. É preciso que nos conformemos com os ditames da natureza.

A meus filhos peço que se não afastem do caminho da honra, do trabalho e do dever, e que empunhem como fanal e o elevem bem alto o nome puro e honrado e imaculado que herdei como o melhor patrimônio da família, e que a eles lego como o maior bem que possuo.

À minha esposa querida, tão sensível, tão difícil de se conformar com as dores da nossa vida, peço que não encare a minha morte

como desgraça irreparável; peço que se console com rapidez e não deixe anuviado pela dor esse espírito vivaz, inteligente, espirituoso, que constituía a alegria do nosso lar e o lenitivo pronto para os sofrimentos que por vezes deparávamos.

Aí ficam nossos filhos, outros tantos rebentos em que vamos reviver, garantias seguras da nossa imortalidade que se encarregarão de levar através do espaço e do tempo as porções de nosso corpo e de nosso espírito de que os fizemos depositário, quando ao mundo vieram.

Quanto aos bens de fortuna que deixo, espero que sejam divididos por minha esposa entre os filhos. Espero e rogo que nunca a questão de bens materiais venha trazer a menor discórdia entre os meus: seria para mim a mais dolorosa das contingências. Peço aos meus filhos que acatem sem discussão a divisão que deles fizer minha esposa.

*Oswaldo Cruz*



Emília da Fonseca Cruz,  
a Miloca  
(1873-1952)



Oswaldo Cruz ao lado de sua esposa Emília, seus sogros e outros parentes na Granja do Vidigal, Rio de Janeiro, 1895 (Acervo da Casa de Oswaldo Cruz)



## OS ÚLTIMOS ANOS

Era o ano de 1907 quando a saúde de Oswaldo Cruz começou a fraquejar. Aos 35 anos de idade, ele experimentou os primeiros sintomas da nefrite, doença renal que matara o pai, o Dr. Bento Gonçalves Cruz (1845-1892). Manifestou então a vontade de ser enterrado na chácara do sogro, o comendador Manuel José da Fonseca, na encosta do Vidigal, zona Sul do Rio — e chegou a pôr no papel um projeto para o seu jazigo perpétuo, o qual não foi utilizado (pouco antes da morte de Oswaldo Cruz, o comendador



Projeto de jazigo desenhado por Oswaldo Cruz (Berlim/1907)

vendeu a chácara. Na construção do túmulo, no cemitério São João Batista, adotou-se o desenho de Luís Moraes Júnior, o arquiteto de Manguinhos).

No ano de 1916, por motivo de saúde, Oswaldo Cruz afastou-se definitivamente de Manguinhos. Fixou residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde em 17 de agosto deste mesmo ano, a pedido do governador Nilo Peçanha, tornou-se o primeiro prefeito

desta cidade. Tão logo tomou posse, preparou um plano de governo que evidentemente incluía, entre outras metas, a construção de rede de esgotos e a organização dos serviços sanitários da cidade. Cada vez mais doente, poucos meses depois de empossado pediu licença do cargo, ao qual não voltaria.

Cercado pela família e por amigos, entre eles Carlos Chagas, Belisário Pena e Salles Guerra, o grande sanitarista morreu em casa, de insuficiência renal, às 21h10 do dia 11 de fevereiro de 1917, aos 44 anos de idade.

Num texto escrito a lápis, pouco antes de sua morte, Oswaldo Cruz formulou as suas últimas vontades, onde se lê no documento aqui reproduzido.

*Texto: Projeto Memória - [www.projeto memoria.art.br](http://www.projeto memoria.art.br)*

**Créditos:** Projeto gráfico - *Mara Lemos Pinhão/SCV/Iciect/Fiocruz*

Colaboração (pesquisa histórica) - *Alexandre Medeiros/Biblioteca/ENSP/Fiocruz*

Fotos - Acervo da COC-Fiocruz / Fiocruz Multimagens - *Vinicius Marinho* / Publicação - *As Grandes Figuras do Brasil em Quadrinhos*, ed. Brasil-América, nº 2

Cruz, Oswaldo Gonçalves. Testamento. In: *Opera Omnia*, Rio de Janeiro, 1972, p.740-741

